

# O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCÃO.

## INTRODUCCÃO.



Entra hoje o Panorama no seu decimo terceiro volume, e completam-se dezoito annos que em Lisboa se instituiu a benemerita sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, a quem as letras devem a fundação d'este periodico hebdomadario.

Acompanhado sempre do mais unanime applauso, assim em Portugal como no Brazil, esse vasto e florissante imperio tão nosso irmão por todos os respeitos, citado com elogio, e reconhecido como auctoridade por alguns sabios estrangeiros, o Panorama tem atravessado todas as vicissitudes sem padecer no seu credito, sempre bemquisto e festejado, em quanto que muitos dos seus companheiros nas lides da imprensa litteraria, e alguns de bem singular esforço, ou não tiveram a mesma fortuna, e esmoreceram, ou prostrados succumbiram na luta.

Como se explica a tão longa existencia do Panorama, longa n'um paiz em que o gosto do ler não está sufficientemente derramado, e em que, d'esses que lêem, o maior numero, infelizmente, prefere as traducções de romances, embora sejam feitas em linguagem mascavada, ás publicações de certa seriedade e alcance?

A explicação d'este phenomeno, que o é, e extraordinario, força é confessal-o, crêmos que está na collaboração, que tem constantemente honrado este periodico.

Creado sob os auspicios e direcção de uma das mais superiores intelligencias de Portugal, o sr. Alexandre Herculano, as columnas do Panorama têm sido como que o repositorio de excellentes trabalhos de alguns dos melhores escriptores d'este paiz. Não são asserções vagas estas; cada um póde per si verifical-as; e os volumes da presente serie o demonstram bem claramente.

Assim crêmos tambem que elle não desmerecerá da acceitação publica. Pela nossa parte poremos todo o esforço e diligencia por sermos dignos d'ella.

O editor não se poupará a sacrificios, quando possam redundar em beneficio da sua publicação. Não faz promessas pomposas: ha de comtudo empregar perseverantemente todos os meios para que o Panorama melhore sempre; e espera conseguil-o.

O plano de redacção seguido até hoje, que é o que lhe traçaram os seus illustrados fundadores, continuará inalteravel, salvas comtudo as modificações que a experiencia indicar indispensaveis.

Evitar-se-ha quanto ser possa artigos extensos, variando-se a materia d'elles, afim de que se satisfaça a todos os paladares.

Procurar-se-ha dar quantos desenhos fór possível de monumentos nacionaes. Para os obter é necessario vencer difficuldades que nem todos imaginam: entretanto temos já em nosso poder parte de uma preciosa colleccão de vistas de um dos mais vastos e magnificos edificios de todo o reino; esperámos que ainda n'este volume hão de publicar-se, acompanhando um trabalho consciencioso do nosso respeitavel collaborador e amigo, o sr. J. da Costa Cascaes. Os fóros da lingua manter-se-hão escrupulosamente.

Eis o que temos adizer n'este logar; o futuro decidirá se cumprimos bem ou mal a pacifica, mas não pouco trabalhosa missão que nos impuzemos.

### BRAZÃO D'ELVAS.

(TRADIÇÃO PORTUGUEZA.)

#### I

#### ELVAS.

Quando se percorrem as principaes cidades de Hespanha ha sempre que admirar n'ellas monumentos, ou curiosidades. Só Badajoz é excepção. Capital mesquinha, que nada offerece de notavel, desdiz de todas as outras. Em vão pedirá o artista um *esboço* á sua cathedral denegrida, informe e apoucada; em vão se abrirá o album para reproduzir algum edificio que o mereça. Nada ali é digno da publicidade. Apenas o presidio peninsular, magnifica obra que se levanta no campo de S. Domingos, contrasta singularmente com os feissimos casebres que a rodeiam. Nem mesmo o Guadiana fornece uma paizagem! Que arvore lhe sombreia as margens solitarias? Que rochedos ha n'elle grupados em poetica desordem? Que sinuosidades pittorescas, que possam aviventar o desenho? Tudo ali é desolação e tristeza! O viajante, avido de lendas e tradições, tortura inutilmente o *cicerone* por que lhe conte alguma coisa que prenda aquelles logares á historia ou á poesia. Condenado como o artista, não recolhe uma memoria, que possa dramatisar nas paginas das suas impressões.

Entretanto desprendendo a vista de Badajoz, de cima de suas muralhas, ou das janellas das habitações, descobre-se em proximo horisonte outra cidade que branquea n'uma altura, entre infinidade de arvores corpulentas.

—Que povo é aquelle?

—Elvas.

—Elvas?... mas Elvas não é povo hespanhol?...

— É portuguez; cidade importante do reino, primeira entre as suas fortificações.

— E quantas leguas dista de Badajoz?

— Tres.

— Pois amanhã seremos em Elvas: — dirá o viajante, que, aborrecido e cansado da pezada monotonia de Badajoz, almeja refocilar o animo quebrantado, na inspiração d'uma nova terra, que o convida com exteriores louçãos.

É facil a passagem de Badajoz a Elvas. De manhã mui cedo, quem chegar á porta de Palmas, póde tomar logar na diligencia que diariamente d'ali sae para a praça portugueza. Depois de passada a ponte, que opprime o Guadiana ao pé de Badajoz, não tem a immensa planicie, que se atravessa, em que se possa fixar olhos. É então que o vae-vem não desagradavel da carruagem, o trote compassado das mulas, produzem certa somnolencia, ou torpor, mui parecido a *spleen*, de que ninguém escapa, se não acerta ter por companheira de viagem alguma hespanhola ou portugueza graciosa, que charle com a vivacidade encantadora das filhas do meio-dia; vivacidade, que muitas vezes suppre a falta de exteriores angelicos, ou de superioridade d'espirito.

Uma legua andada, e chega-se ao Caia, pobre e triste rio, que está bem longe de merecer tal nome, e que por este lado divide os dous reinos hespanos. Antes de descer a pequena encosta, que vae perder-se na corrente, é agradável descobrir como por encanto, na margem opposta, e em territorio portuguez, uma casinha branca, rusticamente construida e cercada d'alamos elevados. Recorda-nos as tão communs vinhetas, que exornam o final dos capitulos de novellas. É a habitação do barqueiro, o *oasis* d'aquelle deserto.

Ali, no Caia, no momento em que as mulas param para beber, não se está nem em Hespanha, nem em Portugal, e entretanto está-se na península, que toda occupam estes dous reinos. Então, hespanhol ou portuguez que se seja, quando o coração se inflamma com o amor da humanidade e da civilisação, e a mente illustrada se desata de vulgares, anachronicos preconceitos, sente-se uma grande amargura, contemplando os effeitos perniciosos da desunião do que Deus irmanou em tantas condições naturaes e moraes, e que ambições e paixões de homens, influencias de tempos impoliticos, têm contido separado.

Uma legua antes de chegar a Elvas, ou a *Yelves*, como dizem os hespanhoes, já a vista começa a recrear-se nos olivaeos, nas quintas, nas montanhas em cujos cimos o arvoredo não é a ultima cousa que captiva a attenção.

Quando se entra em Elvas, pouco ou nada se encontra que visitar. O que póde merecer o nome de bellezas artisticas está fóra d'aquellas muralhas imponentes. Ir ao café do Thomaz, provar doce das freiras de Santa Clara, passear pelas ruas, o que é isso em comparação das sensações que suscitam essa especie de passeio publico, ou jardim que ha nos fossos da praça; o magestoso aqueducto da Amoreira; a quinta de Vasconcellos; o forte de Lippe; e outros pontos exteriores, que arrebatam a attenção?

Quando ao cair da tarde se regressa á casa de pasto, contente das excursões do dia, se se pede aos companheiros da *table d'hôte* uma inspiração tradicional, os sitios, as batalhas, os episodios cavalheirescos, em que a honra nacional exulta, são capitulos interminaveis. É ahí que ouvireis a historia do cavalleiro do estandarte, o drama, a tradição que vou referir-vos.

## II

## SUBLATA CAUSA TOLLITUR EFFECTUM.

Em 1438 governava Elvas, em nome d'elrei D. Duarte, um dos seus favoritos cabos de guerra, Alvaro da Silva.

A mulher de D. Alvaro era joven e bellissima. Doce e affectuosa no trato ao modo da epocha, differia singularmente do marido, que de caracter era duro, inflexivel e despotico.

Graças á amabilidade de D. Mecia, D. Alvaro, naturalmente brusco e insociavel, humanisou-se a ponto de comprazer com ella, contrahindo relações com as familias principaes da terra, a quem recebia frequentemente, e com quem entretinha muitas horas. Pouco a pouco d'estas reuniões fortuitas foi nascendo uma sociedade formal, e d'ella um tormento aborrecivel para D. Alvaro.

Um dia apresentaram ao governador, que o admittiu á sua pequena companhia, um moço esforçado e conhecido. Era João Paes Gago, cavalleiro professo na ordem de Christo e fidalgo de *á par do rei*.

A educação mais esmerada que por aquelle tempo se dava, reunia João Paes a circumstancia d'uma figura interessante. Era d'esses raros homens, que exercem poderosa attracção onde apparecem, e revelam a importancia dos seus dotes. Era d'esses raros cuja superioridade moral e physica os faz amados de quantos os tratam. João Paes seduzia pela conversação, como prendia pela physionomia altamente expressiva.

D. Alvaro não escapou d'essa influencia, e desde então as reuniões de sua casa perderam a frialdade, ou melhor a forçada gravidade, que lhes impunha o seu constante mau humor. Admirado dos talentos sociais, militares e politicos de João Paes, apreciava-lhe a companhia, e procurava-a com afan. A dansa e o jogo invadiram a sala do governador, que emfim manifestára benevolencia desconhecida. Toda esta mudança operára a fascinação d'um homem; e a etiqueta portugueza, sem perder nada do seu typo lisongeiro, mas fastidioso, consentia já esses circulos de conversação, que se tornam tanto mais animados quanto mais se particularisam. Tudo era devido a João Paes, o domesticador da féra de D. Alvaro, como lhe chamava o cavalleiro Ruy Faleiro, fidalgo enamorado com seus fumos de poeta epigrammatico, concorrente assiduo áquellas reuniões.

Passado era um mez depois da apresentação de João Paes. Uma noite em que entre elle e D. Alvaro se disputava acerca dos devaneios da rainha D. Leonor Telles, e suas consequencias tão funestas para o paiz, deu o primeiro fé d'uma conversação animadissima entre Ruy Faleiro e D. Mecia. Este facto pareceu sobresaltal-o. Aproveitando a occasião em que D. Alvaro se prendêra ao jogo, procurou collocar-se de modo, que sem passar por indiscreto pudesse ouvir o dialogo suspeito. E conseguiu-o.

— Não basta a razão ou a ausencia, senhora, dizia o fidalgo a D. Mecia, com desesperação e voz alterada, não posso mais... Para mim o vosso desamer significa tanto como um golpe de D. Alvaro.

— Pois temi o ultimo, senhor, respondeu D. Mecia; porque sabei que meu esposo é excellente guerreiro. Procurae ao menos ausentar-vos, que assim suffocareis a paixão que vos domina tanto, e á qual me é impossivel corresponder.

— Impossivel! nada é no mundo impossivel! Dizei antes, que lhe não quereis corresponder, por-

que nada reuno do que pudéra fazer-me amar de vós!

— Delirae, cavalleiro! Desconheceis os meus sentimentos, confundindo-me com as mulheres para quem é pouco a fidelidade conjugal, Deus, e o mundo em que vivemos. Crêde-me: por mui seductor que fosseis, nem a vós, nem a nenhum outro, amaria nunca.

— Mas, D. Mecia...

— Supplico-vos que não me falleis mais do vosso amor. Ouvís?

— Oh! morrerai então! Resta-me ainda o suicidio!

E proferindo taes palavras o joven Ruy Faleiro tinha insensivelmente alteado a voz, e todas as vistas se fixaram n'elle.

— Que é isso, cavalleiro Ruy? perguntou do seu logar D. Alvaro, franzindo as sobrancelhas, que vos succede?

O fidalgo levantou-se pallido e visivelmente agitado. Quiz fallar, desculpar aquelles gritos escapos dos seios d'alma, mas as palavras se lhe embargaram na gargantá, como se as vistas de D. Alvaro o petrificassem.

— O sr. Ruy Faleiro, disse D. Mecia, sorrindo, despedia-se de mim para Estremoz, onde vae liquidar seu patrimonio. Quer ir a Inglaterra... Quer viajar para distrahir a melancolia que o persegue d'algum tempo para cá, e diz que ha de suicidar-se se não chegar a conseguil-o.

— Mas ainda não estou decidido de todo, acrescentou o fidalgo.

— Pois decidi-vos a viajar, cavalleiro. É o melhor remedio á tristeza. Acredita-me, e viajae.

E levantando-se, depois de fallar assim, dirigiu-se ao vão d'uma janella entreaberta, que dava para o jardim, como para respirar a frescura da noite e o aroma das flores.

Dentro em pouco João Paes Gago estava proximo d'ella, e encostado com desenfado cavalleiresco ao parapeito, lhe perguntava em voz baixa e balbuciante:

— E a mim, que me aconselhaes, senhora?

— Cavalleiro, respondeu D. Mecia com hesitação, não comprehendo, e fujo de comprehender-vos!

— Que me aconselhaes, senhora, continuou João Paes, a mim, que vos adoro como Faleiro, e mais do que elle ainda?... porque é impossivel que sejaes amada como eu vos amo!...

— Vós!

— E para que essa admiração, quando sobradamente o deveis saber! Porque dissimulaes? Sabeis quanto vos amava em Lisboa, sem atrever-me a manifestar-vol-o abertamente: amor tão timido e respeitoso, como puro e casto; amor que se contentava com ver-vos, escutar-vos, e se fosse possivel estar a vosso lado. Bem o sabeis, D. Mecia: vós, e só vós sois a mulher que encheu minh'alma, e que a encherá até á morte. Só vós me encantaes. Sois objecto das minhas illusões e de todos os meus sonhos de felicidade na terra. Pois bem, senhora, que me aconselhaes agora, que ouvís, que só vivo para amar-vos sempre, e que é tão necessario á minha existencia ver-vos, ouvir-vos, fallar-vos, que sem isto acabaria, como a planta a quem falta o ar, o orvalho e o sol?

D. Mecia permaneceu muda. Visivelmente alterada cobria o rosto com o lenço como para evitar os raios despedidos pelas luzes, e que ninguem pudesse

ler n'ella as sensações que n'aquelle momento lhe salteavam o peito.

— Fallae... fallae... dizia João Paes, com precipitação, mas baixinho. Não posso dominar-me por mais tempo. Aconselhae-me tambem, que, como Ruy Faleiro, tenho a desventura de adorar-vos, vós esposa d'outro!

— Oh! basta! balbuciou D. Mecia por fim.

— Não, não basta. Exijo que falleis, em nome d'esta paixão desgraçada. D. Mecia, este momento é supremo, terrivel para os dous. Temiamol-o tanto, um e outro, porque importava a revelação d'um amor infeliz. Amaes me, não é assim! Que importa que digaes o contrario, se este coração, que bate por vós, lê em vossos olhos, em vossos sorrisos, em vossa alma, que me amaes tambem!

— Sim, João Paes, amo-vos desde o nosso encontro em Santarem, desde a nossa estada em Lisboa. A saudade que me ficou, em quanto estive sem ver-vos, constituiu todo o meu encanto. Amo-vos como nunca mulher amou; mas sem poder dizel-o a ninguem, nem sequer a mim mesmo... amor que ficará encerrado aqui, sempre aqui, sem que jámais possa expandir-se senão em suspiros e lagrimas!

E comprimindo o coração com força, desatou em choro suffocado.

— Então... prorompeu João Paes, é necessario que...

— Que partaes para mui longe de mim!

— Como! exclamou o cavalleiro, estremecendo, tambem eu!... eu!...

— Sua, parti! Parti ambos. Um para que se não perca por mim, outro por que me não perca por elle!

E tirando um anel do dedo, deu-lho em prova do amor que a devorava.

— Oh! não, não partirei! lhe tornou elle, com voz supplicante, recolhendo aquelle thesouro d'amor.

— Disse que partirieis, partireis, que vol-o peço eu, cavalleiro.

— Não, antes morrer, senhora!

E assim dizendo, beijava freneticamente o anel, que o hallucinára de todo.

— Meu Deus, esqueceréis que sou casada, e com quem. Quereis a minha e a vossa morte. Tarde ou cedo chegará a saber-se o meu amor culpavel, e ninguem poderá livrar-nos da colera de D. Alvaro.

— Hei de eu livrar-vos, D. Mecia.

— E quem vos livrará a vós?

— A minha espada.

— Fraca defeza, para um adversario que se não bate, porque mata, sem que se veja o golpe que fere.

— Vel-o-hemos, senhora.

— Desgraçado! balbuciou D. Mecia, enchugando as lagrimas, e retirando-se da janella.

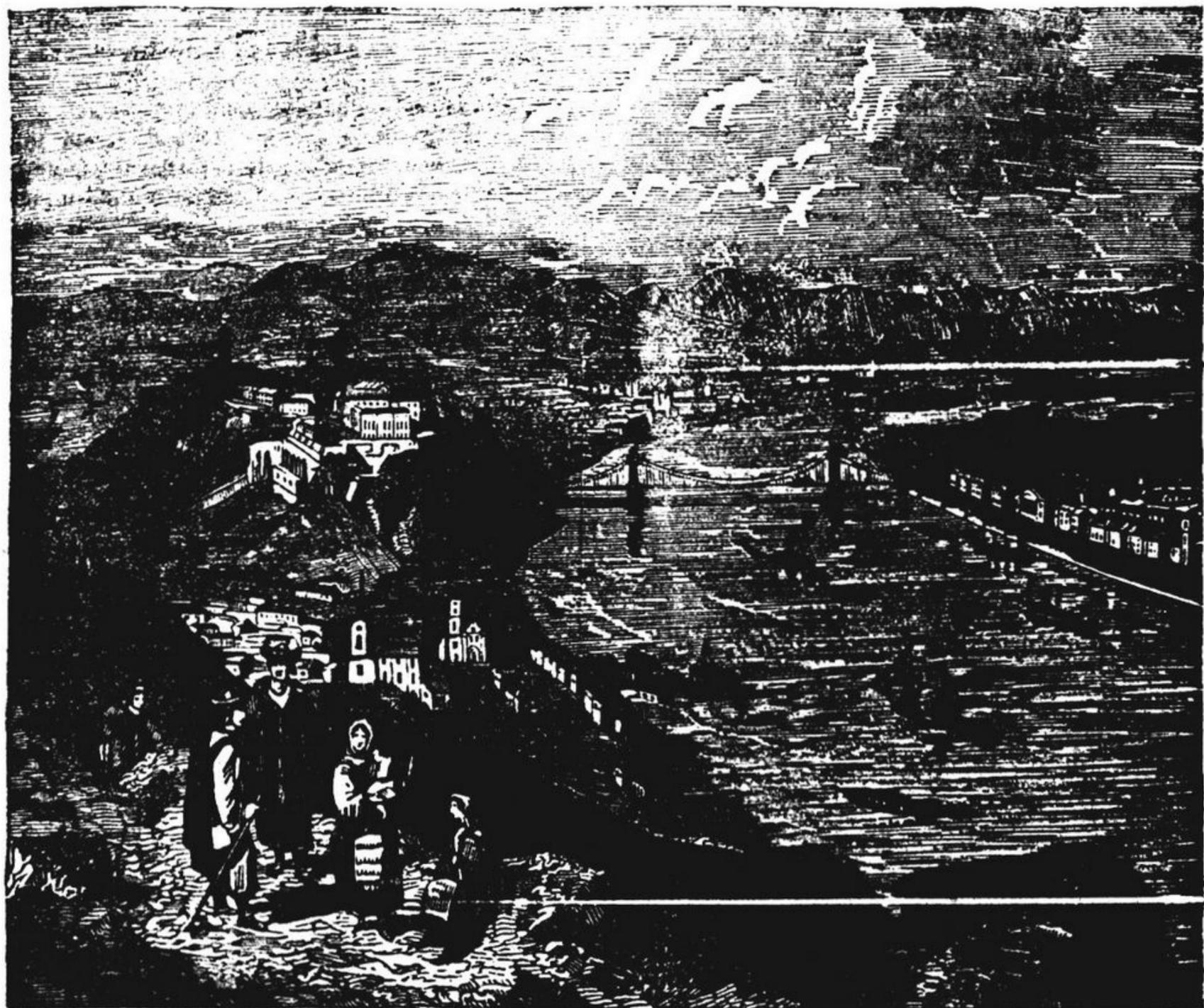
A este tempo um homem que encostado á parede pela parte do jardim tudo ouvira, deu alguns passos para entrar na sala, mas deteve-se repentinamente. Como se a solução de um problema de vida ou de morte o obrigasse áquella immobildade, ficou pensativo.

— *Sublata causa tollitur effectum*, murmurou elle, depois d'alguns minutos de reflexão, correndo a mão pela testa, e entrando seguidamente na sala.

Esse homem era D. Alvaro.

(Continua.)

J. DE TORRES.



### HUNGRIA — BUDA E PESTH.

Buda, que em hungaro se diz tambem Ofen, está assentada na margem direita do Danubio. Distingue-se de Pesth, situada do outro lado do rio, pela sua collina corçada por um esplendido palácio, reconstruido quasi totalmente por Maria Thereza, no qual reside o governo. As suas igrejas têm um caracter oriental singularissimo; quasi todas são ornadas de torres quadrangulares, terminando em cupula ellipsoide, coberta de zinco, e sobrepujada de uma comprida agulha.

Buda é actualmente capital do reino da Hungria: é ali que reside o príncipe palatino, o qual preside á dieta, e os outros altos funcionarios. A corôa de Santo Estevão, a que os hungaros ligam uma importancia que tem seus resaios de supersticiosa, conservava-se no palacio imperial: na ultima insurreição, porém, desapareceu sem que pudesse até hoje descobrir-se-lhe o paradeiro.

Os magnatas hungaros não habitam em Buda senão durante o inverno; de sorte que de verão os seus sumptuosos palacios estão desertos, e a cidade parece abandonada: entretanto não conta menos de 30:000 habitantes.

Pesth, edificada em frente de Buda, na margem esquerda do rio, em um campina suavemente inclinada para as aguas, tem nada menos de 60:000: é

a cidade mais importante de toda a Hungria. Os edificios particulares, construidos sob a direcção de funcionarios municipaes para esse fim deputados, são de uma elegancia e regularidade taes como se não encontram em nenhuma cidade da Europa. Não tem, porém, Pesth nenhum monumento publico que mereça mencionar-se. A sua industria consiste em diversas manufacturas de sedas. Uma elegante ponte suspensa une Buda a Pesth, formando uma só cidade d'estes dous grandes centros de população, como se foram os dous bairros de uma mesma capital.

Das alturas de Buda a-vista abraça um horizonte soberbo. Além do Danubio, coalhado de ilhotas verdejantes, e de moinhos que constituem verdadeiros logarejos fluctuantes, avistam-se as vastas campinas da Hungria, emolduradas por uma cordilheira de montanhas; a população composta de allemães, maggyares, gregos e esclavonios ostenta uma variedade de costumes e de physionomias que anima este curioso panorama.

O espirito de Voltaire não passou de todo. A irrisão picante, mas superficial, dispensando de reflectir, attrahirá sempre mais do que o exame necessario para fazer justiça ao testemunho de tantos povos, e á opinião de tantos sabios.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A ANTIGA MISERICORDIA E A ACTUAL IGREJA  
DA CONCEIÇÃO VELHA.

Esse formoso portal d'architectura gothica, que se ergue na rua Nova d'Alfandega, é reliquia preciosa de um monumento, não só magnifico pela sua estrutura e grandeza, mas também venerando pela sua origem. Esse specimen do gothico-florido, architectura manuelina, em que a poesia se alliou com a religião, e que nascendo e morrendo na epocha do rei afortunado, resume em si a historia do principio e decadencia das prosperidades de Portugal, é tudo quanto nos resta do grandioso templo fundado por el-rei D. Manuel para a humanitaria confraria de Nossa Senhora da Misericordia; primeiro monumento, sem duvida, diante do Creador, d'entre todós os que se têm levantado em o nosso paiz, e primeiro sem questão aos olhos d'a philosophia, pois que ali se adorava a Deus pelo amor do proximo, e se valia ao proximo pelo amor de Deus.

Esta piedosa confraria foi instituida na capella de Nossa Senhora da Piedade, que está no claustro da sé, vulgarmente chamada da *Terra solta*, (1) no anno de 1498 por Fr. Miguel de Contreiras, religioso trinitario. Approvou-a e auxiliou-a desde logo a rainha D. Leonor, viuva d'el-rei D. João II, que então governava o paiz como regente, na ausencia de seu irmão el-rei D. Manuel, que tinha ido a Hespanha com a rainha D. Isabel, sua primeira mulher, para ali serem reconhecidos por principes herdeiros d'aquella corôa, em razão do direito de primogenitura d'esta princeza, que era filha dos reis catholicos Fernando e Isabel.

Mal se recolheu á sua capital, não se limitou el-rei D. Manuel a confirmar essa santa instituição, creada para dotar e casar donzellas infelizes, para amparar viuvias pobres, e recolher orphãos abandonados, para tratar de enfermos desvalidos, e enterrar os mortos em miseria, para ajudar os peregrinos necessitados, e resgatar os captivos sem recursos, para sustentar os prezos, defender-lhes no fóro as suas causas, e solicitar do soberano o seu perdão, e finalmente para acompanhar e confortar os padecentes no seu transitio para o patibulo.

Grande em todas as suas aspirações, o illustrado monarcha comprehendeu a elevação d'este pensamento, abraçou-o como seu, e determinou que á grandeza do monumento humanitario, concebido por Fr. Miguel de Contreiras, correspondesse a grandeza do monumento de pedra, levantado pelo rei de Portugal, onde se havia de exercer em toda a sua plenitude essa virtude angelica, que nos aproxima de Deus pelo fogo que a alimenta, e que nos assimelha ao Creador pelos beneficios que dispensa ás creaturas: essa virtude da caridade, resumo sublime de todas as virtudes christãs, eloquente epilogo do Evangelho!

Deu-se portanto principio á obra com muito fervor; porém tal era a vastidão e magnificencia do edificio, que não bastou todo um reinado e o esforço do soberano para se concluir. Não logrou por conseguinte D. Manuel ver aquelle pio estabelecimento accommodado em a nova casa, que com tamanho dispendio lhe fundára. Coube a seu filho, D. João III, fazer a inauguração do edificio. A mudança da

(1) Davam-lhe este nome por ser o pavimento da capella de terra solta.

confraria, da sé para a sua nova casa, teve logar no dia 25 de março de 1534.

O templo de Nossa Senhora da Misericordia era, depois do de Santa Maria de Belem, o mais vasto e sumptuoso de quantos ennobreciam esta cidade. Vinte columnas de pedra, de elevadissima altura, e curiosamente lavradas, seis dividindo a igreja em tres amplas naves, e quatorze meio embebidas nas paredes, sustentavam a abobada, toda de laçaria de pedra, com bem lavrados artezões e florões, onde se alternavam os emblemas e divisas do augusto fundador. A capella-mór vestia-se de alto a baixo de talha dourada, de excellente esculptura.

No cruzeiro abriam-se em seus topos duas elegantes capellas, e nas paredes collateraes da capella-mór dous altares. No corpo da igreja não havia primitivamente capella alguma ou altar, porém mais tarde, correndo em mais de meio o seculo XVI, edificou-se n'elle do lado do Evangelho uma capella sob a invocação do Espirito Santo, da qual foi fundadora D. Simoa, rica senhora que a dotou largamente.

Esta capella, toda construida de marmores de diferentes cores, e segundo o estylo do *renascimento das artes*, que viera substituir o gothico, ficava de frente da porta travessa, que olhava para o sul, pois que o templo estendia-se, como o de Belem, do occidente, onde se achava a porta principal, para o oriente, onde estava a capella-mór. As portas e janellas da igreja ostentavam todas as galas da architectura gothica. Ornavam-as e cobriam-as por todos os lados estatuas de santos, figuras de cherubins, silvados e arabescos, campeando sobre todos os ornatos a cruz de Christo e a esphera armillar, nobres divisas do *rei afortunado*, uma symbolo sagrado da redempção do genero humano, a outra fatidivo emblema da moderna civilisação, para a qual a descoberta do novo mundo foi pedra fundamental.

Dous recolhimentos de orfãs, um hospital de entrevados, espacosas salas para a secretaria, casa de despacho, cartorio, e muitas outras officinas, formavam juntamente com a igreja um edificio vastissimo e grandioso.

O terremoto de 1755 prostrou toda essa soberba fabrica. O que não se abateu aos seus impulsos, foi depois consumido pelo incendio, que no dia seguinte se lhe communicou dos predios visinhos. Todavia esta dupla catastrophe deixou incolumes duas reliquias d'este grande monumento; a *capella do Espirito Santo*, que a este tempo o era do Santissimo Sacramento, ali collocado no anno de 1694, e a *porta travessa* com as duas janellas aos lados.

Tratando-se da reedificação da cidade, ordenou o marquez de Pombal, que d'estes restos se fizesse um templo para ser dado aos freires da ordem de Christo, em troca da sua igreja de Nossa Senhora da Conceição, que o terremoto e incendio subsequente haviam destruido, e que o novo plano da cidade não permittia reconstruir-se.

Acabada a nova igreja, em que a antiga capella do Espirito Santo lhe ficou servindo de capella-mór, e a porta travessa de porta principal, tomaram posse d'ella os freires, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. E o vulgo, para a differenciar da parochia do mesmo titulo, cujo templo era de moderna fabrica, pois se concluíra em 1730, padecendo pelo terremoto ruinas de que ao diante se restaurou, denominou a esta, Conceição Nova, e aquella, Conceição Velha, nome que já lhes dava antes do grande cataclysmo de 1755; por quanto a collegiada dos freires, que então se arruinou, tinha sido fundada por

el-rei D. Manuel na antiga synagoga dos judeus, que para esse fim mandou purificar, fazendo-lhe ao mesmo tempo uma nobre frontaria com magnifico portal tambem adornado de estatuas e baixos relevos (1).

Se considerarmos na immensa variedade de assumptos, qual d'elles mais importante e mais grave, que chamavam a attenção do governo durante os primeiros tempos que se seguiram á catastrophe de Lisboa, devemos confessar que muito se fez, aproveitando esses bellos restos do monumento derrocado, e accommodando-os de modo que ficassem servindo simultaneamente de logar de culto para Deus, e de padrão historico para os homens. E só pensando assim poderemos relevar de uma grande censura a quem consentiu, que n'essa occasião se puzesse por corôa á gothica fachada um frontão de moderna e mesquinha architectura.

Mas para o que não pôde haver desculpa nem absolvição é para o barbarismo, que se commetteu em 1813, quando, para dar mais luz na igreja, arrancaram do portico o magnifico grupo de figuras, esculpidas em pedra, representando a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, de manto aberto sustentado por dous anjos, e a seus pés, de um lado el-rei D. Manuel, a rainha D. Maria, sua segunda mulher, e os infantes seus filhos, todos de joelhos, e do outro o veneravel Fr. Miguel de Contreiras, instituidor da confraria da Misericordia, e varios prelados, em igual posição (2).

Desterrando d'aquelle bello portico tão significativo grupo, destruíram o sublime pensamento de adoração, que o poetico cinzel do esculptor gravou na pedra, cercado toda a porta de cherubins; e roubaram ao padrão historico o sello da sua authenticidade, o titulo irrecusavel do fim santo e civilizador para que fôra fundada a primitiva fabrica.

Quem restabelecesse as figuras no seu antigo logar, cremos firmemente que não só dava testemunho de acatamento á divindade, de amor ás artes, e de respeito pela boa memoria dos antepassados, mas que ainda alcançava mais alguma cousa, pois faria um serviço patriótico. Certamente que o fazia, por quanto se em nossas chronicas cavalleirosas as descobertas e conquistas cercaram o nome portuguez de uma aureola brilhante, nos annaes das nossas instituições a fundação da Misericordia é para Portugal um brazão de muita gloria, tão grande que será sempre na historia geral das instituições dos povos, qualquer que seja o curso futuro da civilisação, um titulo honroso, que nos recommendará perante as nações mais civilizadas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

(1) Os escriptores que modernamente têm fallado da Conceição Velha, que ora existe, têm-se equivocado, suppondo ser esta a que el-rei D. Manuel converteu de synagoga em templo christão. A igreja da Conceição que foi synagoga estava na rua dos Prateiros, que sendo alargada e melhorada por el-rei D. Afonso VI tomou o nome de rua Nova da Prata. Esta igreja foi pois, como acima dissemos, inteiramente demolida por causa do novo plano da reedificação da cidade, e ficava no districto da parochia da Conceição Nova, em quanto que a igreja da Misericordia, onde se levantou com as suas reliquias a actual igreja da Conceição Velha, pertencia n'essa mesma epocha á freguezia da Sé.

(2) Este grupo, que occupava o logar sobre a porta, aonde agora se vê uma grade de ferro e uma vidraça, tem 20 palmos de comprimento, e é composto de 7 pedras. A estatua de Nossa Senhora tem 13 palmos de altura. Acha-se na sacristia, e está guardada entre profanação já mais antiga!

## VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL (1).

CARTA XIII

AS VELHAS E OS SAPOS. PALACIO REAL DE CINTRA, E CAPPELLA REAL. O CONSUL HOLLANDEZ GUILDMEESTER.

21 de julho de 1787.

Estou convencido que existe decidida sympathia entre os sapos e as velhas com cara de bruxas. A mãe Morgan (2) baixou esta manhã, não ás regiões infernaes, mas á adega, e no mesmo instante cinco ou seis dos mais guapos reptis d'esta mysteriosa especie se bamboleavam ao redor d'ella, que pagou de um modo villão a confiança dos pobres bichos deixando estendidos tres dos mais gordos: ao montar a cavallo eu os vi jazer no pateo agonizantes; o mais corpulento media sete pollegadas de diametro. Os sapos portuguezes serão mais notaveis pelo tamanho, mas, nem por metade são tão bellamente malhados como aquelles que temos a ventura de alvergar em Inglaterra.

Vacillei por alguns momentos se encaminharia os passos do meu cavallo para o Penedo dos Ovos ou para o outro lado da montanha até a Peninha, conventinho dos jeronymos e dependencia da sua principal acolheita, Penha-Longa; porém Marialva, que encontrei com toda a sua comitiva de cavalhariços e picadores saíndo da quinta, resolveu-me a deixar caminhos de cabras e a acompanhá-lo ao paço, que eu ainda não tinha visitado interiormente.

O proprio Alhambra de raro será mais serraceno em materia de architectura do que esta confusa molle, que parece brotar do cimo da rocha em que assenta, desabrochando n'uma variedade de recantos e projecções. De milhares de miserias foram testemunhas estas venerandas paredes, fechadas por uma ordem de seguras arcadas, e que repartem uma extremidade da casa grande em dous ou tres aposentos medianos como guarda-roupas d'um theatro. As frestas, n'um phantastico estylo oriental, em recortes designaes e laçarias sustentadas em pilares espiraes e de marmore liso, são maravilhosas, e campeam sobre vistas romanticas dos fragedos e da povoação de Cintra. Alguns pateos irregulares e lojas, formados pelos angulos quadrados dos torreões, aviventam-se com fontes de marmore e de bronze dourado, que despejam de continuo copiosos jorros de agua mui pura.

Uma especie de deposito de comprimento tal que se pôde quasi denominar canal, continuado em toda a extensão da casa grande, é como um paraizo de cardumes dos maiores e mais brilhantes peixes dourados e prateados em que tenho posta a vista. O susurro dos repuxos que ressaltam d'este canal, os borbotões deslisando por degraus e em bacias de marmore polido, o brilho e o giro veloz dos peixinhos, o admiravel contraste da luz e da sombra produzido pelo intrincado labyrintho de arcarias e columnas, combinam-se para formar uma scena magica como as que ás vezes se nos figuram em sonhos, mas que mal presumimos realisaveis. Reina uma sobriedade de matiz nos marmores, um mysterio nos aposentos opacos e reconditos vistos em prespectiva; é tão solemne a côr das aguas quasi proxima da negridão na parte a que fazem sombra os altos do edificio, que eu não posso deixar de achar-lhes superioridade a todo o esplendor e labyrintho das mais afamadas construcções mouriscas de Granada e de Sevilha.

(1) Continuação de pag. 390 do XII volume.

(2) Morgan, ingleza velha, governante da casa.

A summitade rasa de um dos mais altos cirados, nada menos de cento e cincoenta pés acima do nível do chão, está preparada como um elegante jardim; que se estende á similhaça de uma alcatifa bordada diante do portal de um immenso torreão quadrado, que é quasi todo occupado por uma sala, cujo remate é uma cupula das mais singulares; entre as volutas dos arabescos que a enfeitam apparecem os brazões das principaes casas nobres portuguezas: a divisa da desventurada familia Tavora foi apagada, e o vão que occupava está em branco. Subimos ao terrado e ao torreão por uma d'essas escadarias empinadas e em volta de caracol, que abundam no palacio, e prendem com passagens de abobada por um modo secreto e suspeito. O marquez indicou-me o pavimento ladrilhado de um pequeno quarto, poido e gasto pelos passos de D. Affonso VI, que em tão estreito espaço esteve recluso muitos annos.

Descendo d'ali vimos o interior da capella, não menos singular na fórma e construcção do que o restante do edificio. O tecto baixo e chato, bem como as intersecções dos arcos, aproximam-se muito do estylo das mesquitas; mas, a barbarica profusão de ouro e ainda mais barbaras pinturas de que estão cheios todos os apainelados, quasi pôde suppor-se obra de artistas chingalezes ou indostanicos, e trazem-me á idéa os subterraneos pagodes onde sua magestade diabolica recebe homenagens sob a fórma de Shiva ou de Budha.

O brilho original de toda esta extravagante capella acha-se grandemente amortecido pelo fumo dos lampadarios que ardem ha seculos em frente do altar, mysterioso composto de obra de talha e de estatuaría em perfeita consonancia, no que toca a estylo carregado e inculto, com todos os objectos ali existentes. Diz-se que estando ajoelhado ante este mesmo altar o joven, impetuoso e cavalleiro D. Sebastião, recebera aviso sobrenatural para desistir da fatal expedição d'Africa, que lhe custou a corôa e a vida, e que um espirito heroico tem em mais elevada estimacão do que a fama immortal que segue as empresas bem succedidas.

Uma cousa que difficil me seria descrever, certa melancolia oppressiva, parece impendente sobre esta capella, que, segundo imagino, jaz ainda quasi pelo mesmo gosto em que a deixou o malfadado D. Sebastião. A falta da livre circulaçã do ar, a nave pezáda de incenso, atacam-me os musculos da cabeça tão desagradavelmente que muito me apraz abalar e seguir o marquez aos quartos preparados para a rainha e infantas. Estes são agradaveis e bem ventilados; em vez de os guarnecer de ricos pannos de raz, representando aventuras de cavalleiros e heroes, os armadores da casa real andavam azafama los a forrar as fortes paredes com esplendidas sedas e setins das mais brandas e mimosas côres. Não vi moveis dignos de menção, nem uma pintura, nem um traste rico de gabinete; e não havendo que ver, pequena foi a nossa demora.

Assim que o marquez deu algumas ordens, que lhe encarregára a sua real ama, voltamos ao Ramalhão, onde nos esperavam Horne e o consul hollandez altercando ácerca de seguros, percentagens, commissões, e outras especulações commerciaes. Eu tinha persuadido o marquez a acompanhar-me amanhã á casa do consul, M. Guildmeester; é o dia dos annos d'este velhote, e elle inaugura a sua casa nova com baile e ceia. Teremos uma bonita amostra de senhoras de negociantes, escreventes e caixeiros, alguns agentes do corpo diplomatico, e sabe Deus quantas

mil libras de pezo de gordos mercadores hollandezes.

## CARTA XIV

DIA DE GALA. PUNÇÃO D'ANNOS DO CONSUL G... DOUS CARACTERES OPPORTOS. UM FRANCHINOTE IMPERTINENTE.

25 de julho de 1787.

Grande gala, a que o marquez vae assistir; este abençoado dia não só deu nascimento a Guildmeester, mas tambem á princeza da Beira. Vamos jantar com a marqueza. Uma banda de musica regimental, de caminho para casa de Guildmeester, começou a tocar no pateo, e fez sair um d'esses curiosos ensembles de gente de todos os sexos, idades e côres, que esta benfazeja familia tanto gosta de agazalhar. D. Henriqueta está sentada nos degraus que sobem para o grande mirante, cochichando com algumas das suas creanças validas, que, á maneira do côro na antiga tragedia grega, de continuo davam a sua opinião sobre o que vinha apparecendo.

No momento que D. Pedro e eu nos dispunhamos a partir para o baile dado pelo velho consul, agradavelmente nos tomou de subito a chegada do marquez, que se tinha safado do paço muito mais cedo do que esperava. Conduzi-o na minha carruagem á residencia de Horne, onde tomamos chá no terraço, do qual se descortina a vista mais romantica de Cintra, a vastidão das cimas de arvoredo com variada folhagem, marachões seguros pelas raizes enleadas, troncos de enormes castanheiros de mistura com os salgueiros-chorões da mais viciosa verdura, e limoeiros vergando com o fracto. Muito acima d'esta scena silvestre alteam-se tres fendidos pinaculos de rocha, distinguindo-se o do meio pelas torrinhãs e recinto de Nossa Senhora d'Penha, convento de jeronymos, frequentemente escondido nas nuvens. Encosto-me a um sobreiro que dilata os ramos cobrindo quasi toda a varanda, afim de gosar d'aquella vista, e de observar no meu remanso as exquisitas figuras, hollandezes, inglezes e portuguezes, que passavam para casa de Guildmeester. Este carreiro de pessoas era bastante variado para me entreter por algum tempo; M... não se impacientava nem se incommodava por cousa alguma. Tendo dado entrada seu enbado S... V... a quem elle professa mortal aversão, as forças da luz e da sombra, se fossem personificadas, não exhibiriam mais saliente contraste do que estes dois personagens; M..., todo elle irradiando benignidade, e S... V..., todo malevolencia. E de certo se metade das atrocidades (1) que a voz publica attribue a este fidalgo são verdadeiras, não maravilhará o negrume de vingança e tyranhia tão profundamente assignalado em cada linha de sua physionomia.

Aproveitando a primeira oportunidade atravessamos becos escuros e melonhos, admiravelmente adequados a proezas como aquellas a que acima alludimos, e corremos o risco de saltar a pés juntos uma regueira quando estavamos quasi batendo á porta do velho consul: o terreiro defronte d'esta casa nova está na peor desordem, o edificio pouco mais tem do que as paredes nuas, e achava-se muito mal alumia-la.

Pelo que toca á companhia, achei-a exactamente como á esperava. Madama G... que é senhora de penetração e discernimento, fez as horas de casa com

(1) Não pequena amostra d'estas maldades se encontra nas cartas escriptas de Hespanha e Portugal por Southey.

desembaraçada affabilidade, e prestou a suas principais visitas as mais distinctas atenções: ha uma certa agudeza original em todas as suas observações que me agradou muito; não pertencendo á laia dos indulgentes, reforçou Verdeil (que não desgosta de dous dedos de conversação) em cortar pela pelle da gente mercantil. M... deu-lhe o braço quando fomos á ceia; e esta parte de função foi magnifica; havia uma brilhante illuminação, immensa profusão de iguarias, n'uma meza tão vasta, as mais delicadas que se podiam obter, e um apparatus de dessér, de 50 ou 60 pés de comprimento, todo lustroso de figuras burnidas e vasos argentinicos de flores. Não tive tentações de dançar depois da ceia; a musica não inspirava, e a companhia andava toda em barulho pelas estouvadas vnetas de um franchinote, a quem uma das senhoras presentes dedicára havia dous ou tres annos os seus affectos. Uma forte soalheira e uma desavença com o seu embaixador, mr. de Bombelles, parece que transformaram os miolos d'este pobre homem; não havia impedil-o de rabear de casa em casa com a ligeireza e excentricidade de um buscapé, agora affrontando uma pessoa e logo outra, confessando publicamente o absoluto favor com que o tratava a senhora acima indicada, e as numerosas manifestações de ternura que uma tal miss W... lhe patenteava. «Porque razão (disse elle ás duas heroínas, que me consta não andarem bem avindas uma com outra) ralhaes ambas e vos guerreaes. Ambas sois igualmente indulgentes, e a seu turno me haveis tornado o mais feliz mortal do universo.»

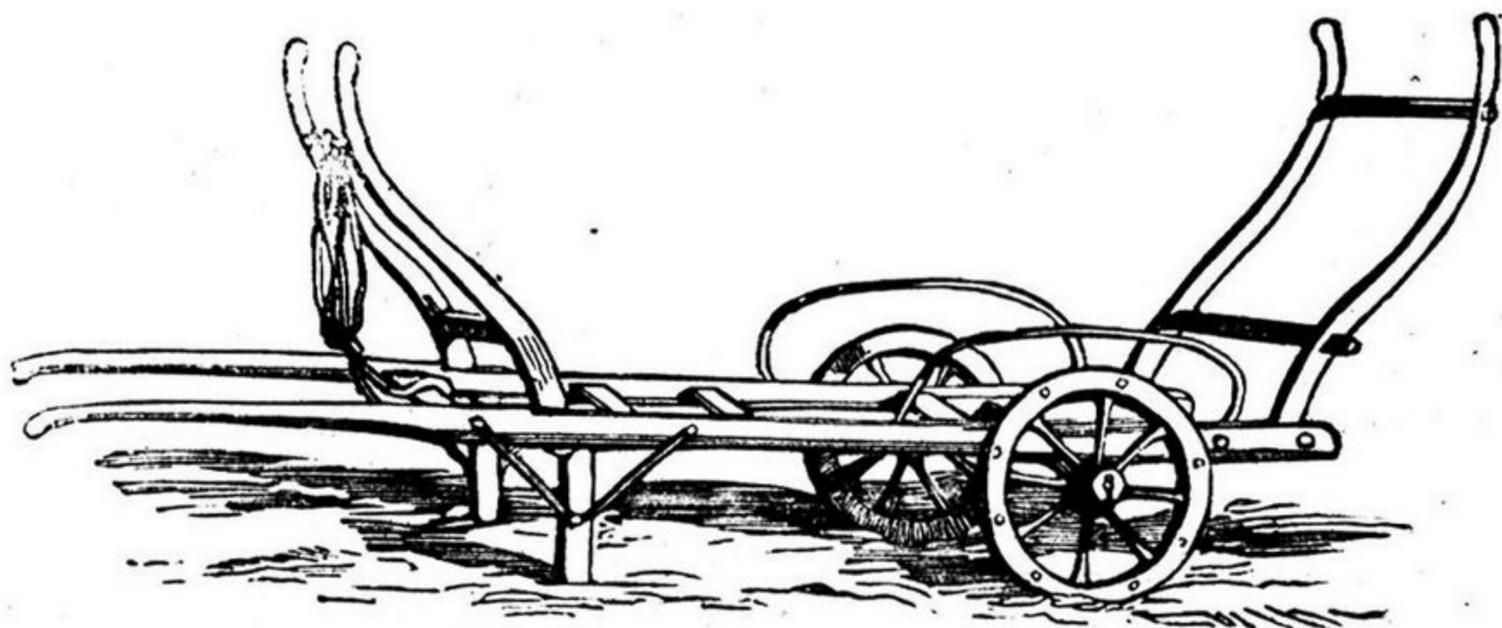
Assim que a luz da verdade esclareceu os circum-

stantes por um modo tão insolito, imagine qual seria n'esse lance o estúpido pasmo do ancião marido e a irosa verecundia da sua esposa e da outra consocia no mesmo fado. Nunca presenciei scena mais notavel. Em algumas das nossas pantomimas, se bem lembrado estou, arlequim applica uma pedrã imantada ás bocas de seus contrarios e por esta magica influencia lhes extorque a verdade, mau grado seu, e a despeito das conveniencias, o legista confessa ter as mãos untadas da peita, o soldado a sua fuga no dia da batalha, e a devota e choramingas viuva dotada e velha tambem confessa quão a muido recorre á inspiração da botelha. Este portentoso effeito parece ter-se aqui realisado, e que o loquaz francez achava-se possesso de algum maligno demo que o compellia a desvendar os mysterios, a que devia a subsistencia. Entre as duras verdades expellidas n'este jorro de sinceridade veiu d'envolta uma vehemente apostrophe á canalha ingleza, como elle lhe chamava, por causa da sua abominavel intolerancia de todos os costumes que não sejam os seus, e por milhares e milhares de preocupações affectadas e egoistas. M..., mostrando-se intrepido na adversidade, tomou com afincos a defeza da causa, e comparou a maior parte da companhia a um enxame de insectos venenosos, que com a putrida baba nem sequer mancham as vestes candidas apesar de injuriadas, e que seriam atterrados pela vingança na primeira oportunidade.

O marquez, D. Pedro, e eu tanto desfructamos esta scena que nos demoramos muito mais do que a principio tencionavamos.

(Continúa.)

\*\*\*



CARRINHO PARA SERVIÇO RURAL.

É incontestavel que a nossa agricultura vae tomando tal desenvolvimento, que promette uma epocha de solida riqueza para este paiz. Não será pois fóra de proposito ir apresentando os desenhos das machinas e utensilios rusticos que os agricultores das nações mais adiantadas usam em seus trabalhos, conseguindo optimos resultados sob os pontos de vista da economia, da perfeição e da celeridade. A gravura representa um carrinho de mão de duas rodas para condução de feno, palha etc.: é uma machinasinha bem simples; e todavia presta utilissimos serviços n'um estabelecimento rural, pois que póde dar-se-lhe uma infinidade de applicações: tal e qual como está na gravura serve, como já dissemos, para conduzir feno e hervagem para os gados; pondo-se-lhe uns pequenos taipaes, serve então para o transporte de estrumes, ou para outros usos, o que é facil de com-

prehender. A maior vantagem, porém, d'este novo carrinho, é ser por tal systema construido que, ainda muito carregado, um rapazito o leva sem esforço a grandes distancias. Já se vê a economia que d'aqui deve resultar n'uma propriedade rustica em que haja um movimento consideravel. Acresce ser tão facil a construcção d'este carrinho, que qualquer carpinteiro, como não seja destituido de intelligencia, poderá, pelo desenho que apresentamos, fazer outros semelhantes carrinhos, e de certo por preço razoavel.

Publicou-se o 1.º numero da ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA, contendo differentes artigos pelos srs. Mendes Leal Junior, Rebello da Silva, E. Biester, etc. e ornado de seis excellentes gravuras em madeira.